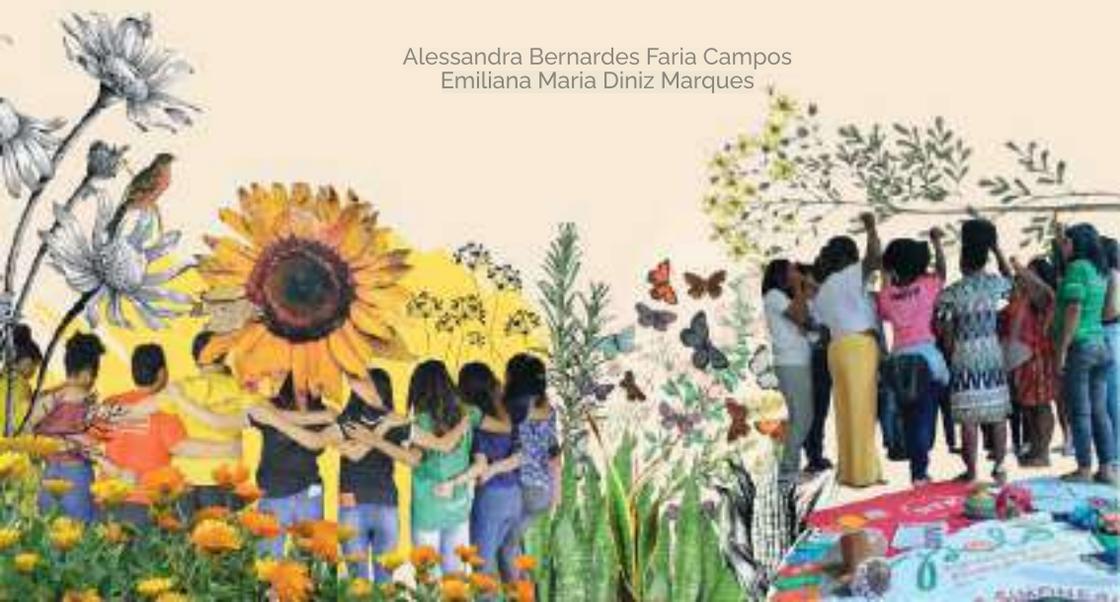




# Educação Popular feminista e Agroecológica

metodologias para formação de  
juventudes e mulheres

Alessandra Bernardes Faria Campos  
Emiliana Maria Diniz Marques







## FICHA TÉCNICA

### Autoras

Alessandra Bernardes Faria  
Campos  
Emiliana Maria Diniz Marques

### Coordenação geral

Alessandra Bernardes Faria  
Campos

### Revisão

Irene Maria Cardoso  
Roberta da Silva Leite  
Cardoso

### Colaboração e agradecimentos

Camila Raimunda Carvalho  
dos Santos  
Vanessa Maciel

### Projeto gráfico

Michele Sotero

### Capa

Alessandra Bernardes Faria  
Campos

### Diagramação

Tatiane Taiga

### COMISSÃO COORDENADORA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO FEMINISMO E AGROECOLOGIA (PFFA)

### Coordenação Geral

Alessandra Bernardes Faria  
Campos

### Coordenação Pedagógica

Claudínea Aparecida Ferreira  
Emiliana Maria Diniz Marques  
Indyra Giácomo Monteiro Dias  
Isabela Mendes  
Liliam Telles  
Nayara Lopes de Castro  
Railyne Paula André  
Roberta da Silva Leite Cardoso

### Político-

### Apoio

MMZML - Movimento de  
Mulheres da Zona da Mata e  
Leste  
Sintraf Espera Feliz  
Sintraf Simonésia  
STR Santana do Manhuaçu  
STR Acaiaca  
Rede de Intercâmbios  
MAM - Movimento pela  
Soberania Popular na  
Mineração  
EFAP - Escola Família Agrícola  
Paulo Freire  
EFAMA - Escola Família  
Agrícola Margarida Alves  
LICENA - Licenciatura em  
Educação do Campo/UFV

C198e  
2025

Campos, Alessandra Bernardes Faria  
Educação popular feminista e agroecológica metodologias  
para a formação de juventudes e mulheres / Alessandra  
Bernardes Faria Campos, Emiliana Maria Diniz Marques.

- Viçosa : UFV, 2025.

66p. : il.

ISBN 978-65-01-35189-6

Referência bibliográfica p. 65-66

1. Feminismo e Educação - Brasil. 2. Movimentos sociais  
- Brasil. I. Marques, Emiliana Maria Diniz. II. Programa de  
Formação Feminismo e Agroecologia. III. Título.

CDD 23. ed. 305.420981

Bibliotecário responsável: Tereza Cristina Cardozo da Silva CRB6 nº 2717



# SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Apresentação: construir comunidades de aprendizagem, afirmar identidades coletivas                                | 8  |
| 1. O Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA)   | 10 |
| 2. Nossas matrizes e horizontes político-pedagógicos  | 13 |
| 3. Metodologias   | 16 |
| 3.1 Cancioneira   | 19 |
| 3.2. Café com memórias (“Comer é um ato político”)  | 21 |
| 3.3 Mística   | 23 |
| 3.4 Jogos teatrais  | 26 |
| 3.5 Balaio de Gênero  | 29 |
| 3.6 Circulo de Cultura  | 32 |
| 3.7 Instalação Artístico-Pedagógica (IAP)   | 39 |
| 3.8 Rio da Vida   | 44 |
| 3.9 Cartografia Popular Feminista   | 48 |
| 3.10 Colocação em Comum   | 52 |
| 3.11 Carrossel  | 55 |
| 3.12 Troca de Sementes e Mudas  | 58 |
| 3.13 Culturais  | 60 |
| Considerações finais: construir juntas/es/os metodologias para acender nossos corações e fortalecer nossas lutas! | 63 |
| Referências   | 65 |







Povoada  
quem falou que ando só?  
Tenho em mim mais de muitas  
Sou uma, mas não sou só  
(Trecho da música Povoada, de Sued Nunes)

Mulher sempre foi subestimada  
Reprimida e maltratada  
Sem direito de dizer  
Que ama, que sonha e que deseja  
Onde quer que ela esteja  
Ousadia deve ter.  
Mulher nunca fuja desta luta  
Pois a sua causa é justa  
Pro machismo superar  
...  
Cansei de ser domesticada  
Quero andar com os próprios pés  
Organizar a rebeldia  
E assim deixar de ser refém  
(Trecho da música Vamos Juntas Resistir, da Marcha Mundial das Mulheres)

# ***Apresentação: construir comunidades de aprendizagem, afirmar identidades coletivas***

Na construção e consolidação da agroecologia nos territórios, a presença e a participação das juventudes e mulheres camponesas é fundamental! A partir dos lugares sociais que ocupam, daquilo que aprendem ao longo de suas caminhadas e das etapas nas quais se encontram em suas trajetórias de vida, trabalho e militância, elas trazem contribuições particulares e importantes para as práticas e conhecimentos agroecológicos, bem como para a organização política e pedagógica da agroecologia.

Em diferentes e articuladas escalas, mulheres e juventudes protagonizam uma diversidade de lutas na defesa dos territórios e politizam a agroecologia, que não pode ser compreendida apenas a partir da dimensão técnica da produção de alimentos. No entanto, muitos são os desafios para a efetiva e autodeterminada participação das mulheres e juventudes, em uma sociedade capitalista, patriarcal, machista, racista, heteronormativa e adultocêntrica e que reconhece apenas os conhecimentos de uma ciência hegemônica e os modos de vida urbanos. Para superar esses desafios é importante criar metodologias e possibilidades para que os grupos sociais historicamente inferiorizados, como as mulheres e as juventudes, possam afirmar seus modos de pensar, de se relacionar socialmente e com seus territórios e de afirmar seus modos de produzir conhecimentos, de produzir alimentos e seus modos de educar e de fazer política!

Com alegria, neste caderno apresentamos as metodologias utilizadas no Programa de Formação Feminismo e Agroecologia, processo de formação direcionado para jovens mulheres na Zona da Mata mineira, realizado em 2023. Tais metodologias buscaram contribuir com a percepção e superação de violências que historicamente integram a vida dos povos do campo, de for-

ma específica e acirrada, as vidas de mulheres, jovens, pessoas negras, quilombolas, indígenas e afirmar a agroecologia como projeto de vida. Por meio dessas metodologias, perspectivadas pela agroecologia e pelo feminismo, foi possível a construção de espaços acolhedores e dinâmicos nos quais as jovens se sentiram seguras e motivadas a dizer sua palavra, a perceber as opressões e a construir caminhos coletivos para afirmação positiva de suas identidades coletivas, dos seus territórios e dos seus modos de vida.

Este Caderno é uma inovação, resultados da sistematização da experiência do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia, que objetivou contribuir com os processos de formação que ampliam e qualificam a presença de juventudes, mulheres e grupos sociais racializados como negros e indígenas, vinculadas às organizações do campo agroecológico. A sistematização da experiência e a produção do Caderno integram as ações do Termo de Execução Descentralizada (TED nº 30879420230032-001272/2023), denominado "Inovações em agroecologia e sistemas orgânicos de produção, tecnologias e conhecimentos apropriados às famílias agricultoras e de povos e comunidades tradicionais do Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Zona da Mata de Minas Gerais", financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar. Este TED teve como direção mais ampla afirmar e consolidar o Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Zona da Mata (Lei 23.207/2018).

# **1. O Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA)**

O Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA) é uma resposta às demandas por formação de jovens para dar sequência, fortalecer e renovar a luta popular, feminista e agroecológica das organizações da agricultura familiar e apoiar na consolidação de grupos que vem se organizando e ganhando visibilidade na Zona da Mata mineira. A formação foi coordenada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) e teve como parceiros o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas (MMZML), Sindicatos de Trabalhadoras/es Rurais e da Agricultura Familiar de Espera Feliz e Simonésia, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Santana do Manhuaçu e Acaiaca a Rede de Intercâmbios de Tecnologias Alternativas (REDE), as Escolas Família Agrícola Paulo Freire (EFAP) e Margarida Alves (EFAMA), o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), a Rede de Saberes dos Povos Quilombolas (Rede SAPOQUI) e a Licenciatura em Educação do Campo (LICENA/DPE/UFV).

A Sistematização do PFFA, processo do qual resulta este caderno, foi coordenada a partir do ECOA - Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia, financiado pelo MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário e da Agricultura Familiar. Ao longo de todo o processo, em suas etapas de formação e sistematização, o PFFA contou com uma Coordenação Geral, sendo constituída uma Coordenação Político-Pedagógica responsável pela concepção, planejamento e execução do Programa de Formação.

# "feminismo pra frente e o machismo pra trás!"

Ao conectar uma diversidade de mulheres, o feminismo que construímos se faz a partir das lutas das mulheres para superar todas as opressões, desigualdades e violências existentes em uma sociedade patriarcal, capitalista e racista, especialmente aquelas que recaem sobre as mulheres. Diferente do que muito se fala, a luta feminista não é uma luta contra os homens. Nossa luta é contra os sistemas de opressão que interferem de forma negativa na vida de todos os seres, em especial das mulheres; que nos impede ou dificulta o exercício de determinadas atividades profissionais; o acesso à escola e a sequência nos estudos; que invisibilizam e não remuneram de forma adequada o nosso trabalho; que impedem o acesso à terra e às escolhas sobre como vamos cultivar e comercializar aquilo que produzimos; que impedem ou limitam nossa circulação pelos territórios, nossas escolhas em relação aos nossos corpos e nossas formas de amar, nossa organização e participação política e; que de forma articulada, têm tirado a vida de muitas mulheres todos os dias. Construímos um feminismo internacionalista, que tem como chão e horizonte construir uma sociedade sem violência, justa, igualitária, fraterna, solidária, diversa, alegre e livre. De forma ampla e sempre em movimento(s), vislumbramos uma sociedade do bem viver para nós mulheres, mas também todas as pessoas e outros seres que habitam esse planeta. Uma sociedade na qual todas/es/os sejamos livres!



Os temas e metodologias do PFFA foram construídos em uma intensa e potente construção coletiva junto das organizações parceiras, em um processo de escuta e diálogos (Figura 1). A formação foi inspirada pelos debates sobre alternâncias educativas, formulados pela **Educação do Campo**, sendo realizada em formato itinerante, com três encontros presenciais nos municípios de Acaiaca, Simonésia e Viçosa - MG, intercalados por atividades de pesquisa e intervenção nos tempos de permanência das jovens nas comunidades ou nos municípios. Cada um desses momentos teve um tema gerador que direcionou nossas reflexões coletivas. Estes temas foram eles identidades, territórios e autonomia pessoal, política e econômica.



Figura 1: Construção coletiva do percurso formativo das jovens no Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA). Fotos: Alessandra B. F. Campos e Railyne Paula.

## 2. Nossas matrizes e horizontes político-pedagógicos

Nossa caminhada formativa foi alicerçada e orientada por algumas matrizes **político-pedagógicas**, que expressam as formas como entendemos o que é, para que servem e como vamos construir e desenvolver os processos educativos que realizamos. Para começo de conversa, como afirmamos no Caderno da Participante (2023).

“Partimos de uma compreensão de que a educação vai muito além da escola (ainda que ela seja um direito muito importante!) e que deve se orientar para a transformação social numa perspectiva popular, anticapitalista, feminista, antirracista e antiLBTQIAPN+fóbica.” (Caderno da Participante, 2023).

O **Caderno da Participante** foi um material que produzimos para apoiar a caminhada de formação das jovens no PFFA. Neste caderno elas puderam acessar o desenho da formação, alguns dos seus conteúdos e fazer registros da sua caminhada, seus encontros, seus planos e sonhos, sendo também um espaço de livre expressão das jovens!

O material está disponível na biblioteca do CTA-ZM, através do qrcode ao lado:



De maneira importante, o feminismo e a agroecologia foram matrizes político-pedagógicas fundamentais no Programa de Formação.

Os debates, as abordagens e as metodologias do Programa de Formação são alimentadas por um entendimento de que somos todas portadoras de conhecimentos e que nosso corpo inteiro precisa estar em movimento para aprender, não somente nossa cabeça! Exercitar nossa voz; expressar nossas percepções sobre o mundo; nos movimentarmos pelo espaço; ouvirmos, com respeito e cuidado, umas às outras; construir juntas e partilhar reflexões sobre as realidades que temos e o que queremos como mulheres, em nossos diferentes lugares sociais, compõem nosso entendimento e prática educativa. (Caderno da Participante, 2023)

## ***Você já ouviu falar nas Pedagogias Feminista?***

Quando falamos em Educação Popular, Paulo Freire é uma referência bastante importante! Mergulhado na realidade brasileira, latino-americana, este educador produziu uma vasta obra que inspirou muita gente a problematizar a educação que predomina entre nós e a transformá-la, para superar as opressões que submetem a maior parte das pessoas em nossa sociedade.

A partir de uma visão crítica do pensamento de Freire e orientadas pelo feminismo, algumas educadoras e intelectuais insurgentes vem produzindo importantes reflexões que inspiram nossa caminhada na formação com as mulheres, com as juventudes, com pessoas racializadas como negras e indígenas e com camponesas/es. Estas reflexões têm contribuído para a produção de um campo que chamamos de Pedagogias Feministas. A argentina Cláudia Korol e a estadunidense bell hooks são algumas dessas educadoras e intelectuais. Junto dos movimentos sociais que integram, falam a partir dos lugares sociais que ocupam, produzem reflexões e práxis que radicalizam os sentidos emancipatórios da Educação Popular.

“Como feministas e educadoras populares, nos propomos a elaborar coletivamente ferramentas e caminhos que apontem para a construção de relações sociais emancipatórias. Pensamos, imaginamos e projetamos uma emancipação integral, múltipla, complexa, dialética, alegre, colorida, diversa, ruidosa, desafiante, libertaria, ética, polifônica, insubmissa, rebelde, pessoal, coletiva, solidária”.



“Minhas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialistas, crítica e feminista, cada um das quais ilumina as outras. (...) Transpondo as fronteiras, possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e, ao mesmo tempo, proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados”.



*1ª mulher: Cláudia Korol (educadora popular feminista argentina); 2ª mulher: bell hooks (educadora popular, feminista e antirracista estadunidense).*

A **agroecologia**, compreendida como prática, ciência e movimento, nos ensina sobre uma diversidade de modos de nos relacionarmos com a terra e os seres humanos e não humanos que coabitam conosco em nossos territórios, como relações de vida e como produtoras de vida. A agroecologia é pedagógica

em si mesma. Em suas diferentes expressões, produz modos de ensinar e aprender, como pedagogias enraizadas nos territórios. Essas pedagogias nos ensinam a nos relacionarmos entre nós, seres humanos em nossa diversidade de gênero, sexualidade, raça, geração, etnia que produzem diferentes maneiras de produzirmos e comercializarmos o alimento. Nos ensinam a respeitar e escutar a diversidade e as temporalidades dos seres existentes nos territórios e os modos de existir de todos os seres. São encontros educadores, ou seja, geram modos de percebermos o mundo e de agirmos no mundo. De forma sistemática, o movimento agroecológico, pessoas e organizações envolvidas com a promoção da agroecologia, vêm produzindo uma série de práticas e reflexões sobre os modos de ensinar e de aprender, em uma práxis em estreita conexão com a Educação Popular.

Outras raízes que compõem nossas matrizes político-pedagógicas são o **território** e a **Pedagogia da Alternância**. Como temos expressado no Programa de Formação, nos territórios onde vivemos surgem nossas questões e para eles voltamos nossas ações de transformação social. Esta compreensão dialoga bem de perto e potencializa o que propõe a Pedagogia da Alternância que entende as comunidades, as organizações e a ação política como atores e espaços educativos. Em nossos encontros do PFFA, o diálogo com esses atores políticos e suas experiências e o trato de questões dos territórios, suas riquezas e desafios, compuseram de forma decisiva a construção das nossas metodologias.

### **3. Metodologias**

A partir da práxis da educação popular, das pedagogias feministas e da pedagogia da alternância, os encontros do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia foram educadores, ou seja, geraram modos de percebermos o mundo, de nos posicionarmos e agirmos no mundo.

Foram realizados **três encontros presenciais**, sempre aos finais de semana. Eles iniciavam às sextas-feiras à noite e fina-

lizavam aos domingos, no meio da tarde e foram estruturados de acordo com o desenho geral apresentado no Quadro 1.



Desenho geral dos Encontros presenciais do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia, realizado na Zona da Mata mineira.

Em cada encontro presencial debatemos um tema, sempre em conexão com os territórios e as lutas das mulheres e das organizações ali situadas. No encontro de Acaiaca, debatemos o tema das Identidades. Em Simonésia, o tema dos Territórios. Em Viçosa, a temática da Autonomia Pessoal, Política e Econômica, finalizando esta etapa da formação na XIV Troca de Saberes. O debate dos temas teve diferentes mediadoras, entre mulheres com maior ou menor envolvimento na construção do Programa de Formação, mas todas elas engajadas em movimentos e organizações.

Entre estes encontros presenciais as jovens realizavam estudos e intervenções em seus territórios, o que chamamos de Atividades de Tempo Comunidade (ATC), como explicamos no Caderno das Participantes.



“Considerando os territórios como espaços educativos e numa perspectiva de transformação social popular e feminista, propomos atividades que visam nos aproximar das realidades nas quais estamos imersas com um olhar curioso (como pesquisadoras), apoiar nas ações de organização e luta dos coletivos populares e comunicar nossas aprendizagens”  
(Caderno das Participantes, 2023).

Por meio destas atividades, as jovens puderam se aproximar e reconhecer as mulheres que estão na luta pela defesa dos territórios e na construção da agroecologia. Acompanhando ações das mulheres em suas organizações, realizando entrevistas com estas companheiras e apoiando na realização de atividades das organizações, ampliaram e ressignificaram suas relações com os territórios, as lutas das organizações e as companheiras. Aportando na construção de **identidades enraizadas nos territórios**, as atividades de tempo comunidade foram um incentivo para o **engajamento das jovens** nas lutas!

## 3.1 Cancioneira

### O que é?

Muito usado nos espaços de formação da Educação Popular, a Cancioneira é um livreto contendo letras de músicas e poesias, muitas delas produzidas por mulheres, sendo algumas participantes da formação. Uma das formas de manifestação da presença da cultura popular, a Cancioneira é utilizada em diferentes espaços coletivos, reuniões, formações, caminhadas. Tais livretos recebem, normalmente, o nome de Cancioneiro, mas para o PFFA, foi denominado de Cancioneira, no feminino.

### Para que se destina?

A Cancioneira tem uma função importante de animar os encontros, por meio da afirmação das pautas e bandeiras de luta do feminismo, da agroecologia, do antirracismo, das lutas anticapitalistas. Exercitando as vozes e movimentando os corpos das pessoas, o uso da cancioneira serve para partilhar sentimentos e ideias por meio da arte. Ajuda na integração das participantes, que cantam juntas ao longo da formação, contribui para que as pessoas se conheçam umas às outras (seus gostos musicais e poéticos), bem como incentiva criações poéticas e musicais das pessoas do grupo.

### Recursos e materiais necessários:

Computador com arquivo de texto e material para impressão ou apenas papéis e caneta, no caso de uma versão manuscrita.

### Como fazer?

Selecione letras de músicas e poesias que se relacionem com o tema da formação para comporem o livreto. Muitas delas são partilhadas durante o processo de formação e acrescentadas ao livreto.

### Formas de registro:

Não há um momento fixo para cantarem uma música ou recitarem poesias. Pode ser sempre que o coração pedir e o

momento demandar. Normalmente acontecem no início ou fim de uma outra atividade, somando nas reflexões ou animando as participantes para o processo.

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

Os encontros de formação foram planejados para acontecerem de forma alegre e reflexiva, festiva e integrativa, razão que integra a importância da formalização de um caderno contendo músicas e poesias para serem recitadas e cantadas coletivamente. Como construção processual, a proposta da Cancioneira incentivou diferentes participantes a compartilharem outras músicas e poesias ao longo da formação, que foram incorporadas ao livro que teve sua versão final no último módulo na formação. Possibilitou a expressão de nossos sentimentos e a conexão de umas às outras por meio da arte e; conectou-nos, também, com outros grupos e movimentos de mulheres do campo, mulheres negras, mulheres lésbicas, presentes ou não em nossos territórios, pela partilha das músicas cantadas a partir desses outros espaços de luta e formação.

A **Cancioneira do PFFA** foi construída processualmente, sendo uma versão entregue às participantes no segundo módulo e uma versão final, no terceiro módulo. Como construção coletiva, sua produção teve a contribuição das jovens, sendo inseridas canções reproduzidas e cantadas por elas nos encontros presenciais. O material está disponível na biblioteca do CTA-ZM, através do qrcode ao lado:



## 3.2. Café com memórias (“Comer é um ato político”)

### O que é?

É uma mesa de partilha de alimentos preparados pelas participantes (Figura 2), Antes de se alimentar, conta-se a história das comidas ali presentes: quem fez, como fez, onde e com quem aprendeu, etc.. Neste momento se reconhece a centralidade das mulheres e seus conhecimentos relativos ao alimento e à alimentação, bem como se reconhece a cozinha como lugar de produção de vida, de saúde, de transmissão e produção de conhecimentos, de acolhimento, de afeto, de encontro, diálogos e tomada de decisões. Sem romantizar a cozinha, o Café com Memórias, no contexto de uma formação perspectivada pelo feminismo, é também o momento de refletir sobre a invisibilização do trabalho e dos conhecimentos das mulheres, da injusta divisão sexual do trabalho, da naturalização de opressões cotidianas que impedem as mulheres de se organizarem e participarem politicamente.



Figura 2: Participantes do PFFA no Café com Memória no CTAZM (Viçosa-MG).  
Foto Alessandra B. F. Campos. (julho de 2023).

### **Para que se destina?**

A partir do entendimento da alimentação como cultura e o comer como um ato político, o café com memória objetiva promover reflexões sobre os alimentos do território bem como as relações partilhadas, principalmente entre as mulheres, no que diz respeito à culinária e ao preparo da comida em família. É também um momento de reflexão sobre o tema dos cuidados, da divisão sexual do trabalho e dos desafios para a participação política das mulheres.

### **Recursos e materiais necessários:**

Alimentos que fazem parte da cultura alimentar tradicional, ancestral das famílias das pessoas participantes.

### **Como fazer?**

Em roda, antes de iniciar a refeição, a partir da fala “Comer é um ato político” e da exemplificação por meio da história de um alimento, abri-se espaço de fala para quem quiser apresentar o alimento que trouxe e um pouco da história do mesmo, de como foi feito e com quem aprendeu. Dialogamos sobre a importância das mulheres para a manutenção da vida, da saúde, sobre as múltiplas dimensões do ato de cozinhar e o lugar da cozinha na vida de muitas mulheres. Nessa conversa, ainda que prevaleçam expressões de afeto, é momento fecundo para problematizar a divisão sexual do trabalho e as vivências de opressões cotidianas vivenciadas pelas mulheres que impedem sua (auto)organização. Este momento é um convite para as mulheres a “rodar a saia e largar o fogão”, como presente em uma das canções que compõem a nossa Cancioneira.

### **Formas de registro:**

O registro pode ser feito por meio de relatoria escrita, bem como por áudio, caso de comum acordo entre as pessoas participantes.

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

Com esta metodologia inúmeras histórias foram partilha-

das, revelando a riqueza das relações familiares e geracionais, especialmente entre mulheres, tradicionalmente responsáveis pela preparação dos alimentos e das refeições na sociedade. A atividade permitiu dimensionar percursos e sentimentos que conectam gerações; conhecimentos assimilados, recriados e transformados que perpassam o tempo e se renovam, mantendo vivas memórias e ligações ancestrais. Em um dos encontros, uma fala impactante revelou a **experiência de privação ao alimento e sua posterior possibilidade de produção a partir do acesso à terra, narrada por uma jovem residente de um assentamento da reforma agrária. A experiência da fome, da carência, da falta de direitos contraposta com a fartura da produção propiciada após possuírem o próprio pedaço de terra para plantar e colher foi materializada por meio das caixas enormes de frutas cítricas que a jovem trouxe**, não apenas para a mesa da partilha, mas para os três dias de atividades de formação.

Reconhecer o valor da terra e dos alimentos saudáveis produzidos e preparados diariamente por nós mulheres, perceber o fio de vida e os sabores que nos unem às nossas mestras antigas e novas, ancestrais e futuras, fortalece os vínculos de pertencimento, reconhecimento, apoio mútuo, cumplicidade, sororidade e dororidade (Piedade, 2017) existentes. Esse reconhecimento constitui alimento para alma. A alma bem alimentada fornece resistências e sabedorias que só germinam com a certeza da comunhão e continuidade cíclica. As histórias, memórias e conhecimentos que nos conectaram com nossas mães, tias e avós, primas, filhas e vizinhas por meio desta dinâmica fortaleceram os vínculos entre a produção das mulheres e o reconhecimento dos seus saberes e valores; um entrecruzamento indissociável de feminismo e agroecologia.

### **3.3. Mística**

#### **O que é?**

Segundo o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), a mística “encontra sua origem mais profunda em tudo aquilo que dá sentido à vida e que nos move a seguir lutando para torná-la

digna em plenitude, grandeza e sonhos. [...] Mística, é a própria existência." (Mezadri et al, 2020, 175 e 179). Para Peloso (s/d):

"A mística é o sabor que junta o pensamento, a ação e a emoção. É uma crença no valor da vida, na dignidade das pessoas, na força do trabalho, na necessidade da liberdade e na construção da solidariedade universal [...] O principal da mística é que ela seja a vivência e a manifestação do que se passa no coração das pessoas que lutam para dar sentido a uma existência digna [...] A mística é a paixão que anima a militância. [...] A mística tem a ver com a finalidade que sonhamos e com o caminho que percorremos para alcançá-la. [...] O mais importante na expressão pública da mística é a animação e o fortalecimento da militância e da organização" [...] A Mística é um ânimo que tornam as pessoas combativas e carinhosas, abertas e perseverantes, mas sobretudo companheiras"

(Peloso, s/d, p.3, 5 e 8).

Neste Caderno, abordamos a expressão pública e intencional da mística, assumida pelos movimentos populares como parte de suas ações e formações, para expressar, com uma dimensão artística, sua espiritualidade, seus sentimentos e sentidos de vida e de luta.

### **Para que se destina?**

A mística, de modo artístico, poético, estético e político, traz o sentido da realidade e da luta, a partir da mobilização e conexão das participantes para algo maior e além daquele momento específico, para o invisível, que alguns podem chamar de espiritualidade. A mística fortalece as participantes para a luta.

### **Recursos e materiais necessários:**

Objetos representativos e pessoas dispostas a declamar, cantar, dançar, teatralizar e traduzir, por meio de uma performance estética e artística, suas visões e sentidos de mundo

### **Como fazer?**

Organizar, preferencialmente com um grupo de pessoas,

uma instalação e/ou performance artística que traduzam os sentimentos relacionados à temática em questão que se correlaciona com a vida cotidiana daquele coletivo. A mística deve ser apresentada no início e encerramento do processo formativo (Figura 3), mas pode ser utilizada em outros momentos também. Em algum momento da mística é recomendado que as pessoas façam uma roda de mãos dadas.

### **Formas de registro:**

O registro pode ser feito por meio de relatoria escrita após a mística e ou por fotos e vídeos, caso de comum acordo entre as pessoas participantes.



Figura 3. "O que você vai levar no seu embornal?" Mística de encontro de encerramento do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia no CTA-ZM. Foto: Alessandra B. F. Campos. (julho de 2023)

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

O planejamento das místicas já constitui em si espaços de aprendizagem e reflexões sobre os significados de objetos e palavras e do mundo e cotidiano que nos cercam. As místicas conectam os conteúdos da formação aos sentidos da vida das participantes. Suas linguagens artísticas e estéticas alcançam os sentidos de modo sensível e promovem um elo com o sagrado, com uma força maior invisível, mas presente e que interliga todas nós em nossas ações em prol de um mundo melhor. As místicas integram e correlacionam diferentes elementos, amplian-

do os significados de cada um, revelando algo novo a partir da soma das partes. As místicas não requerem reflexão racional dialogada, mas seus múltiplos sentidos atravessam e se mantêm presentes ao longo do processo de formação sendo evocados, eventualmente, por participantes no decorrer das atividades realizadas.

### **3.4 Jogos teatrais**

#### **O que são?**

Os jogos teatrais (Figura 4) são jogos corporais de interação entre participantes. A maioria dos jogos são retirados e adaptados do livro "Jogos para atores e não-atores", de Augusto Boal (2007).

#### **Para que se destina?**

Integração das participantes, desmecanização do corpo, ativação dos sentidos, autoconhecimento, construção e improvisação de cenas teatrais.

#### **Recursos e materiais necessários:**

Pessoas dispostas a participar. Eventualmente, objetos do cotidiano, já presentes no espaço da formação ou trazidos pelas participantes.

#### **Como fazer?**

Alguns dos jogos utilizados durante o processo formativo são exemplificados a seguir.

**"Ninguém com ninguém"** - Todas as participantes se organizam em duplas, mas uma pessoa permanece sozinha. Esta fala partes dos corpos para serem unidas pelas duplas (Exemplo: cabeça com cotovelo; mão com joelho; pé com pé, etc.). Após umas três ou quatro sugestões de união das partes do corpo, a pessoa sozinha fala "Ninguém com ninguém". Neste momento as duplas se desmancham para formar novas duplas. A pessoa que, inicialmente, estava sozinha, irá formar uma dupla e outra restará sozinha para sugerir novas partes do corpo que

irão se unir. E assim o jogo recomeça e faz-se quantas rodadas quiserem, mas o recomendado são três (?) rodadas. Por rodada, recomenda-se três (?) sugestões de união das partes dos corpos. Importante: as partes unidas são cumulativas e não podem ser separadas até ouvirem a fala "Ninguém com ninguém!".

**"Massagem em círculo"** - Inicialmente todas fazem uma roda. Solicita-se, então, que todas girem o ombro esquerdo para o centro da roda e posicionem as mãos nos ombros da pessoa da frente para massageá-la. Pode-se massagear, além de ombros e costas, a cabeça, orelhas e, também, pernas. Após um tempo, deve-se virar todas para o outro lado para massagear quem estava, inicialmente, te fazendo a massagem, em forma inclusive de troca e agradecimento.

**"Imagem da palavra"** - Em roda, com as costas viradas para o meio, as participantes vão, individualmente, buscar formas corporais que traduzem e expressam o significado de uma palavra sugerida pela facilitadora do jogo. Ao encontrarem a forma corporal, as pessoas viram de frente para a roda, mas não revelam sua imagem. Quando todas estiverem voltadas para o centro, a facilitadora bate uma palma como sinal e todas se colocam na posição corporal escolhida, realizando assim uma imagem coletiva com as imagens corporais individuais. As imagens construídas são observadas e analisadas pelas participantes. Para análise das imagens, pode-se utilizar diferentes dinâmicas, Por exemplo, pode-se solicitar que aquelas com imagens semelhantes se unam e procurem conversar para entender suas semelhanças e diferenças. O jogo pode ser repetido com novas palavras.

**"Jovens em cena"** - Trata-se da improvisação de cenas curtas sobre um tema ou assunto específico e problemático, do cotidiano das participantes. Separadas em grupos de, mais ou menos, 4 ou 5 pessoas, cada um irá construir uma cena e apresentar para os demais. As cenas improvisadas serão analisadas pelas participantes, aprofundando seus significados e possíveis soluções.



Figura 4. Jogos teatrais nos encontros do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia, na Zona da Mata mineira. Fotos: Alessandra B. F. Campos. (maio e junho de 2023)

### **Formas de registro**

O registro pode ser feito por meio de relatoria escrita, fotos e ou vídeos, em comum acordo entre as pessoas participantes.

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

Os jogos teatrais foram muito elogiados pelas jovens que destacaram seu potencial integrador, mobilizador e ver por outros ângulos facetas da mesma realidade. A grande diversidade de técnicas e possibilidades de usos permite dinamizar um processo de formação e garantir reflexões e aprendizados de modo lúdico e, aparentemente, descontraído, pois brincar é coisa séria. A tradução da realidade por meio de imagens corporais e a relação entre os corpos no espaço amplia as possibilidades de ver e sentir determinado tema e problema, garantindo concretude

e exemplificação ao vivo da situação narrada. A ativação dos diferentes sentidos e sua mobilização conjunta para leitura e análise das cenas teatralizadas aguçam a capacidade de ver, ouvir e sentir e analisar a realidade outrora adormecida para nossos olhos e ouvidos e percebida desconectada de outros fatos do cotidiano local ou global.

### **3.5 Balaio de Gênero**

#### **O que é?**

O Balaio de Gênero é uma metodologia utilizada em processos de formação que visam produzir coletivamente reflexões sobre os papéis sociais e as hierarquias de gênero. No contexto das Pedagogias Feministas, o Balaio de Gênero ajuda a desvelar as formas como em nossas sociedades, alicerçadas no patriarcado, no capitalismo e no racismo, relações sexistas e machistas tentam definir como e sobre o que devemos (ou não) pensar, as formas como devemos (ou não) expressar nossos sentimentos, como devemos (ou não) nos comportarmos e nos relacionarmos com as outras pessoas e com a gente mesma/o, onde devemos e podemos (ou não) ir, como devemos (ou não) nos vestir, como e quem devemos (ou não) amar.

## **Patriarcado? Que bicho é esse?**

Você já ouviu falar em **patriarcado**? Veja a definição abaixo, produzida pelas companheiras da SOF – Sempre Viva Organização Feminista, na publicação “Práticas feministas de transformação da economia – autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira” (2018).

“Chamamos de patriarcado a esse sistema onde os

homens, individual ou coletivamente, exercem poder e controle sobre o corpo, o trabalho e a sexualidade das mulheres. Além de patriarcal, nossa sociedade é extremamente racista. O racismo estrutura as relações sociais no Brasil, que desde os tempos da escravidão superexplora o trabalho da população negra e usa a violência como prática

de controle. O capitalismo é racista e é patriarcal. É um sistema que incorpora essas dominações e desigualdades e, sem elas, não consegue se manter.”

O material está disponível através do qrcode ao lado:



### **Para que se destina?**

O Balaio de Gênero tem como objetivo produzir provocações sobre os papéis sociais de gênero e produzir reflexões e deslocamentos no que se refere às concepções predominantes e ações sobre o que é “coisa de homem” e “coisa de mulher” em nossa sociedade em geral e junto dos povos do campo, que possuem suas particularidades. O Balaio fomenta também um debate e a construção de uma posição política individual e coletiva sobre hierarquias de gênero, o que permite reflexões sobre a divisão sexual do trabalho e as desigualdades que ela produz.

### **Recursos e materiais necessários**

Para fazer o balaio de gênero (Figura 5), é preciso ter um balaio ou outro “recipiente” onde possam ser colocados objetos que representam associações sociais com os gêneros masculino ou feminino. Batom, boneca, boneco de herói, preservativo (masculino e feminino), pílula, bola, carrinho de brinquedo, panela, ferramentas, enxada, vassoura, roupas diversas, etc...

### **Como fazer?**

Os objetos são colocados dentro do balaio e as pessoas participantes da atividade são convidadas a escolherem seus objetos. Preferencialmente em pequenos grupos, mesmo duplas, as pessoas são convidadas a responderem à seguinte questão geradora: “Isso é coisa de mulher ou coisa de homem?”

A partir dos posicionamentos das pessoas, nos grupos são realizados debates sobre os papéis sociais de gênero, desigualdades, hierarquias, divisão sexual do trabalho, violências de gênero e sexualidades. Após o momento de observação e diálogos em pequenos grupos, as reflexões são compartilhadas coletivamente, o que potencializa os debates, problematiza os pontos de vista apresentados e organizados e gera novas questões. Ao final do Balaio de Gênero é importante que as pessoas participantes reconheçam que as vivências cotidianas, relacionadas com os corpos que temos, e as formas de viver são coisas que aprendemos e reproduzimos ao longo da vida e que, muitas vezes, são carregadas de invisibilizações e ou naturalizam violências, desigualdades e opressões. Nesse processo, é também importante que essas formas de estar sendo, como nos termos de Paulo Freire, deixem de ser vistas pelas pessoas participantes como “coisas naturais” e passem a ser percebidas como construções sociais que podem e precisam ser alteradas. Isso porque, muito do que aprendemos em relação aos papéis sociais de gênero nos conduz a dar sequência a situações de desigualdades e violências que penalizam as mulheres e mais brutalmente as mulheres racializadas.



Figura 5. Balaio de Gênero no primeiro módulo do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia: refletindo sobre os papéis sociais de gênero na Zona da Mata mineira.

Foto: Alessandra B. F. Campos (março de 2023)

### **Formas de registro:**

O registro pode ser feito por meio de relatoria escrita, fotos e ou audiovisuais em comum acordo entre as pessoas participantes.

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

O Balaio de Gênero foi usado no primeiro módulo do PFFA, quando debatemos o tema das Identidades. Associado ao debate sobre identidades, desigualdades e papéis sociais de gênero, a questão da sexualidade foi trazida fortemente pelas jovens. Diversos foram os tensionamentos sobre o binarismo e a heteronormatividade que marcam nossa sociedade e as violências a eles associadas, de maneira particular e mais acirrada no campo. Esta foi uma das metodologias que permitiu as jovens refletirem e se posicionarem sobre o tema das sexualidades, que atravessou vigorosamente toda a formação. Como um espaço seguro de enunciação das suas vozes, das suas posições de mundo, ao longo do Programa de Formação as jovens afirmaram sobre as estreitas relações entre permanência no campo e suas sexualidades dissidentes, um tema de pouca visibilidade nos debates sobre juventudes e permanência no campo.

## **3.6 *Círculo de Cultura***

### **O que é?**

O O círculo de cultura (Figura 6 e Figura 7) é uma metodologia de Paulo Freire bastante utilizada em processos educativos referenciados na Educação Popular e visa criar espaços para que todas as pessoas possam ser vistas e ouvidas, ao se posicionar de forma livre e crítica. No Círculo de Cultura, parte-se do princípio de que toda pessoa é portadora de conhecimentos produzidos em suas vivências cotidianas, a partir dos lugares sociais que ocupam e possibilita uma experiência horizontal na relação entre as pessoas e entre as diferentes formas de conhecer e das coisas que sabemos, No círculo de cultura todos os corpos, todas as vozes e todos os conhecimentos importam. Segundo Paulo Freire, os processos do aprender-e-en-

sinar caminham juntos e são sempre realizados coletivamente, mediatizados pelo mundo. O Círculo de Cultura não visa uma relação objetificada com aquilo sobre o que se aprende. A intencionalidade é que, o debate do tema ou questão que é colocada na roda gere uma tomada de consciência sobre situações de opressão, desigualdades, violências e leve à transformação das pessoas, das relações sociais e da sociedade. Em uma perspectiva feminista, esta intencionalidade implica na construção de percepções sobre as desigualdades e violências de gênero em nossos cotidianos; sobre como nossa sociedade é misógina, homofóbica, racista, patriarcal; e sobre como são exercidos a exploração e o controle dos corpos das mulheres e da natureza. Nas palavras de Paulo Freire, em sua obra Educação como Prática da Liberdade, "todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando". Como reforça este educador, reconhecer a opressão tem relação direta com a luta pela libertação.



Figura 6. Escuta atenta no Círculo de Cultura no I Módulo do PFFA na Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP), em Acaiaca-MG. Fotos: Nayara Lopes de Castro (março, 2023).

Nesse processo de tomada de consciência sobre a opressão, o diálogo é princípio e condição essencial e é diretriz pedagógica e política que permite às pessoas oprimidas (aprenderem) a dizer a sua palavra, como reflete Paulo Freire. Diante de processos seculares de silenciamento dos grupos oprimidos, o diálogo é um exercício quase sempre difícil, pois leva tempo para que sejam construídas relações de confiança para partilhas, por vezes muito íntimas, de dor e sofrimento e, por isto, necessita de metodologias, como a do círculo de cultura, para facilitar o diálogo.

Por fim, reforçamos que a visão de liberdade é a matriz do Círculo de Cultura, que permite exercer a práxis de uma educação como prática da liberdade, portanto, como exercício – não romantizado – da liberdade humana e não somente como a busca de uma liberdade que virá. No Círculo de Cultura devemos garantir a participação livre, autônoma e crítica e a igualdade de participação das pessoas.

### **Para que se destina?**

O Círculo de Cultura é usado para debates coletivos e críticos sobre um determinado tema e para a partilha de vivências pessoais, conhecimentos sobre um dado tema, situação, processo ou fenômeno. O círculo de cultura possibilita debater questões a partir de diferentes pontos de vista e produzir novas perguntas, novos posicionamentos e novos conhecimentos, a partir dos diálogos realizados.

### **Recursos e materiais necessários:**

Para o Círculo de Cultura não é necessário nenhum recurso ou material específicos. No entanto, a depender das escolhas metodológicas, podem ser disponibilizadas tarjetas e pincéis, cartolinas, objetos, imagens e outros elementos que mobilizem as pessoas para os diálogos e ajudem na elaboração das suas partilhas no Círculo de Cultura.

### **Como fazer?**

O grupo que participará da atividade deve ser organizado

em roda. No primeiro momento, o tema gerador, ou a questão geradora, que orientará os diálogos é apresentado para o grupo. O tema deve ser de conhecimento, mesmo que mínimo, das pessoas e o debate deve fazer sentido para o grupo naquele contexto. Para fazer sentido, a forma como o tema ou a questão geradora são apresentados ao grupo é importante e influencia nos desdobramentos e nos modos como o grupo vai ou não se engajar no diálogo proposto. Para isto, uma problematização e contextualização são muito bem vindas no começo da conversa. Nessa contextualização podem ser apresentados objetos, fotos, um pequeno vídeo ou recordada uma situação vivida, mas uma fala introdutória e problematizadora podem ser suficientes.

Após a apresentação do tema ou questão geradora, as pessoas devem se manifestar em relação à problemática apresentada. Para ajudar nesse processo, pode ser solicitado que cada participante escreva uma ou poucas palavras, ou utilizar um objeto que representa a primeira ideia que surgiu ao ouvir o tema. Se usar a palavra, pode pedir para escrevê-la (ou alguém a escreve) em uma tarjeta. Outra opção é que a pessoa que coordena o espaço escreva essas palavras em uma lousa (quadro) ou em outro lugar, caso estejam disponíveis no local onde o espaço esteja acontecendo. Pode ser solicitado que as pessoas escrevam seus nomes nas tarjetas. A seguir, uma pessoa de cada vez, deve apresentar suas palavras ou objetos relacionando com o tema ou pergunta geradora.

Ao longo do desenvolvimento da metodologia é importante atenção aos tempos de fala e o cuidado para que não sejam sempre as mesmas pessoas a falarem, buscando a maior presença possível de posições sobre o tema gerador. Em alguns Círculos de Cultura os diálogos acontecem de forma fluida, por vezes podem ser necessárias intervenções. Essas devem ser feitas pela pessoa responsável pela mediação, o coordenador, como nomeia Paulo Freire, ou outra pessoa que se sentir à vontade para exercer este papel no processo. O mediador, ou outra pessoa, pode e deve ser feitas intervenções em relação a expressões desrespeitosas ou autoritárias dentro do grupo, pos-

turas estas antidialógicas. Ainda sobre a mediação, esta pessoa pode também ser aquela que cuida da animação do grupo ao longo do processo, ou seja, que vai ajuda a organizar as ideias e colocar novas questões a partir dos diálogos em curso, produzindo sínteses, sempre com cuidado de garantir o diálogo e a livre participação, elementos fundamentais do Círculo de Cultura.

Reforçamos que **não há romantização no que se refere à participação livre. Devemos sempre nos lembrar que mulheres, jovens, pessoas negras, crianças são sujeitas historicamente silenciadas e o círculo de cultura é potente para a produção das suas vozes, para apoiar o ecoar da suas vozes, mas não “dar a voz”, como ouvimos com frequência! Para isso, como intencionalidade político-pedagógica popular e feminista, a pessoa que coordena o espaço deve estar atenta para a construção de um ambiente de acolhimento, de mobilização, incentivando e acolhendo a participação das pessoas. A participação não deve ser obrigatória! Com sensibilidade, este papel deve ser feito de forma amorosa e crítica.**



*Figura 7. Círculo de Cultura no III Módulo do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia.  
Foto: Gisadrielle Amorim (julho de 2023).*

## ***Você sabe o que é tema gerador?***

Referenciado no pensamento de Paulo Freire, o tema gerador é o tema que orienta os debates num determinado grupo. Não raro, este tema é produzido coletivamente gerando uma direção para os debates a serem realizados por dado coletivo. Inserido em processos populares de transformação social, os temas geradores subsidiam as reflexões coletivas que produzem elementos para uma práxis transformadora. Numa perspectiva anticolonial, contrapondo-se às questões norteadoras, as questões geradoras nos ajudam a *sulear* nosso pensamento, como nos ensina Paulo Freire, em sua Pedagogia da Esperança. Os temas geradores são combustíveis para construção de caminhos autodeterminados para a transformação social, referenciados nas nossas realidades, culturas, identidades e sonhos.



*Paulo Freire (educador popular brasileiro).*

### **Formas de registro:**

O Círculo de Cultura pode ser registrado por meio de tarjetas, relatoria escrita ou relatorias gráficas, uma forma potente de registro da atividade.

**Relatoria gráfica** é uma forma de registrar, através de expressões gráficas, como desenhos, uma dada atividade, por exemplo, um encontro, uma reunião, um seminário. É um registro visual que facilita a visualização desta atividade, estando aí presentes os principais temas debatidos, os posicionamentos das pessoas, os encaminhamentos. No vídeo a seguir, explicando como sistematizar uma experiência, essa forma de registro foi utilizada. O vídeo pode ser acessado pelo qrcode ao lado:



### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

Em nossos encontros, os Círculos de Cultura estiveram presentes em diversos momentos. De forma especial, utilizamos essa metodologia nos momentos de avaliação dos nossos encontros, os quais nomeamos “Sínteses Orgânicas”, inspiradas nas reflexões de Nego Bispo, homem negro e quilombola do Piauí. Ele foi um intelectual insurgente que discutia sobre modos de viver e de pensar de formas orgânicas e biointerativas, em conexão com os territórios, em oposição àquelas desterritorializadas e sintéticas. Assim, nas avaliações de cada módulo, nos encontros presenciais, fazíamos um Círculo de Cultura, utilizando como tema gerador o módulo do encontro realizado anteriormente, quando as participantes eram convidadas a se expressarem.

Em sintonia com o pensamento dos povos afro-pindorâmicos (nome dado por Nego Bispo aos povos originários no que hoje é território brasileiro), bem como em sintonia com as ideias de mulheres negras, feministas, como a estadunidense

bell hooks e a nigeriana Oyèronké Oyěwùmí, produzimos conhecimento com nosso corpo todo e aprendemos com nosso corpo todo, sempre conectando diversos sentidos e conectadas aos territórios. Assim, em nossas Sínteses Orgânicas, nosso foco não foi, em si e somente, os conteúdos teóricos, conceituais dos módulos. De forma integrada, nos interessou acessar os modos como as jovens vivenciaram o processo, como se sentiram, o que elas aprenderam, o que marcou suas vivências, como se movimentaram diante das novas aprendizagens, o que, certamente, se conectava aos temas abordados. Os Círculos de Cultura no PFFA (Figura 8) foram momentos de muita emoção, de relatos profundos, de surgimento de novas percepções sobre vivências cotidianas que pareciam muito naturais, mas que passaram a ser problematizadas.



Figura 8. Partilha de uma jovem de suas reflexões e aprendizagens a partir dos debates no I encontro presencial do PFFA. Foto: Alessandra B.F. Campos. (março, 2023).

### **3.7 Instalação Artístico-Pedagógica (IAP)**

#### **O que é?**

Orientada por princípios da Educação Popular, a Instalação Artístico-Pedagógica (IAP) é uma metodologia que parte da afirmação de que todas as pessoas são portadoras de conhecimento e do entendimento de que o conhecimento está sempre em construção, em movimento, a partir dos nossos encontros com o mundo e dos encontros entre nós. Para concretizar essa atitude

decolonial diante do conhecimento, da sua produção e das pessoas que participam desses processos, uma IAP é organizada a partir de um tema ou questão geradora. Para facilitar os diálogos sobre tal questão, objetos são organizados de forma a compor um cenário belo e didático (Figura 9). Na elaboração da questão e na organização do cenário, é preciso despertar nas pessoas a vontade de se envolver, se movimentar, pensar e dizer sobre aspectos das suas realidades, em uma postura reflexiva, posicionada, crítica e propositiva.

Diferente de formas verticalizadas, diretivas, centradas no racional e supostamente objetivas em relação ao conhecimento, amparadas nos modos populares, feministas e ancestrais de educar, nas IAPs mobilizamos diferentes sentidos, memórias e saberes, afirmando nossa relação com a produção e a transmissão de saberes: formas coletivas, circulares, horizontais e emancipatórias! Olhando e refletindo de maneira crítica e coletiva, as IAPs são oportunidades de reconhecer opressões e violências e construir horizontes necessários, mas que ainda não existem. A essa ação Paulo Freire nomeou inédito viável, um futuro possível, de demanda urgente, que envolve a vontade, a criatividade e o trabalho coletivos e que se produzem a partir de situações-limite, situações que afetam nossas vidas negativamente e que parecem não ter saída.

Nesse pequeno vídeo, a professora Irene Cardoso nos conta um pouco mais sobre o que é uma **Instalação Artístico-Pedagógica**. O vídeo pode ser acessado pelo qrcode ao lado:



Você também pode saber mais sobre esse tema consultando o verbete "Metodologias Emancipatórias", escrito por Fabrício Vassalli, Willer Barbosa e Irene Cardoso, no **"Dicionário de Agroecologia e Educação do Campo"**. O dicionário pode ser acessado pelo qrcode ao lado:



### **Para que se destina?**

Desafiando modos hegemônicos de educar, as IAPs são caminhos coletivos, afetivos, críticos, emancipatórios de transmitir e produzir conhecimentos. Elas são potentes para mostrar a diversidade de olhares e saberes e mobilizam uma inteligência coletiva, popular, feminista, antirracista para debater, refletir e encontrar caminhos para os desafios existentes em nossas caminhadas. Elas são também espaços ricos de potência para elaboração de perguntas que nos ajudam a desnaturalizar vivências cotidianas de opressão e de desigualdades. Perguntas que nos fazem caminhar...

### **Recursos e materiais necessários:**

As pessoas responsáveis pela organização das IAPs levem elementos que tenham relação com o tema que pretendem debater e que provoquem as pessoas a debaterem este tema. Estes elementos podem ser objetos, como fotografias, bandeiras, materiais impressos (cartilhas, cadernos, cancionários, livros...), cartazes, alimentos, poesias, músicas, performances e etc. Os objetos podem ser construídos pelas pessoas que organizam a instalação ou recolhidos no ambiente próximo ao local onde a IAP será instalada. Os objetos são dispostos de forma a criar um cenário ou ambiente propício aos aprendizados e reflexões coletivas sobre determinado tema. Caso alguém queira decla-

mar uma poesia, realizar um performance, cantar um música, ou se manifestar de alguma forma em que o objeto seja o próprio corpo, deve se decidir qual o momento adequado para o fazê-lo, A dimensão estética é importante em uma IAP, o que implica em um cuidado com a escolha e a disposição dos objetos e a montagem do cenário. A depender das escolhas metodológicas, podem ser também usadas tarjetas, pincéis e cartolinas.

### Como fazer?

O primeiro passo é definir o tema gerador da IAP, elaborar seu objetivo e a(s) pergunta(s) geradora(s) e escolher os objetos a serem utilizados. Caso o tema não tenha sido previamente definido, pode-se utilizar o círculo de cultura (ver metodologia Círculo de Cultura), onde devem ser também elegidos os objetos a comporem a IAP. A seguir os objetos devem ser recolhidos e a IAP é instalada. Recomendamos atenção especial em relação à escolha do local para instalar a IAP, pois as pessoas podem permanecer no local por muito tempo. O local da IAP não deve ter muito sol e barulho excessivo e deve possibilitar que pelo menos as pessoas mais velhas possam se sentar.



Figura 9. IAPs nos encontros de sistematização do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia: fotografias, bandeiras, embornais, mudas, sementes, latas, café coado, objetos do balaio de gênero para visitar memórias e avançar nas aprendizagens. Fotos: Vanessa Maciel (junho e dezembro, 2024).

Os objetos e sua disposição devem criar um ambiente que motive a curiosidade, gere espanto e indignação, desperte a memória e crie conexão com o objetivo da atividade. Com a presença do grupo visitante da IAP, após uma breve acolhida, deve ser apresentado o objetivo da atividade, o que pode ser orientado a partir de uma questão geradora e a forma como ela será realizada. As pessoas são, então, convidadas a caminhar pela instalação, observar, interagir com os objetos, tocar, ler e, se quiserem, mudar os objetos de lugares. Durante a caminhada e a interação com a IAP, as pessoas devem ser orientadas a escolher um objeto que chamou sua atenção e que remete a algum aspecto que gostaria de refletir com as pessoas. Na sequência, utilizando a metodologia do círculo de cultura, as pessoas são convidadas a explicar a escolha do objeto, o que deve ser feito em conexão com o tema ou questão geradora da IAP. As pessoas que coordenam o espaço têm a função de cuidar dos tempos e cuidar para que todas as vozes sejam ouvidas, bem como podem fazer breves ponderações. A IAP termina com uma síntese e, se for o caso, encaminhamentos. Caso tenha mais de uma IAP e o grupo organizador precise rodar para observar outras IAPs, orienta-se para que tire duas pessoas (um coordenador e um relator) para serem os anfitriões da IAP. Os anfitriões podem mudar de uma rodada para outra.

### **Formas de registro:**

A relatoria pode ser feita de forma escrita, com o uso de fotografias e ou vídeos, em caso de comum acordo entre as pessoas participantes.

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

No contexto de uma sociedade que historicamente silencia e invisibiliza determinados grupos sociais como portadores e produtores de saberes (como os povos do campo, as mulheres, pessoas negras e as juventudes), esta metodologia é um caminho para reposicionar estes sujeitos coletivos, inclusive diante de si próprios. A metodologia permite visibilizar conexões entre saber e poder, construindo espaços de percepção e, não raro, de

reconstrução do poder desses grupos, sempre visando a produção do bem viver.

### **3.8 Rio da Vida**

#### **O que é?**

O Rio da Vida é uma forma de representar graficamente uma história ou histórias que se desenvolvem no tempo e no espaço. No rio, coletivamente, vamos contando a(s) história(s), onde vão se misturando as memórias, as experiências, as percepções e as questões pessoais e coletivas. Assim, elementos de várias escalas sobre as formas como determinados acontecimentos impactaram a vida de uma pessoa e/ou de um grupo são lembradas e representadas, Os significados desses acontecimentos para essas/es sujeitas/os ou grupos de sujeitos/as são expressados e organizados temporalmente.

Inspirado na Linha do Tempo, o Rio da Vida foi desenvolvido por mulheres e vem sendo utilizado, no Brasil, desde a década de 1990 e pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA) desde os anos 2000. Utilizando a metáfora das águas e do curso do rio permite a representação de movimentos e de emoções importantes nos processos educativos, em uma perspectiva feminista. No rio representamos as confluências, os encontros e desencontros, as incertezas das suas curvas, as mudanças nos fluxos, na velocidade e profundidade das águas, nas formas como determinados acontecimentos despertam lembranças e afetos. A metodologia é potente na reconstrução de um processo (coletivo) vivido, auxilia na reelaboração coletiva de uma dada experiência, contribui para a percepção de coisas que não foram percebidas no calor do momento. Além disso, a metodologia ajuda na construção e compreensão de enlaces com outros acontecimentos ocorridos em contextos históricos específicos e das relações estabelecidas com diversos atores sociais. De forma importante, a metodologia conecta acontecimentos das vidas pessoais das pessoas envolvidas, por vezes decisivos, aos processos reconstruídos e refletidos coletivamente. Retomando histórias de lutas,

perdas e conquistas, além de ajudar a guardar e manter vivas tais memórias, a metodologia é instrumento que pode renovar os sentidos da organização e das lutas populares.



*Figura 10/Acima: Nas mãos das jovens, o Rio da Vida se tornou cachoeira no I Encontro de Sistematização do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia  
Foto: Ana Luiza Rodrigues  
(junho de 2024).*

*Ao lado: Rio da Vida como parte da Instalação Artístico Pedagógica organizada da XIV Troca de Saberes.  
Foto: Alessandra B. F. Campos  
(julho de 2023).*

## **Para que se destina?**

Em nosso percurso formativo no PFFA, o Rio da Vida foi utilizado para contar para as jovens a história do Programa de Formação. Por meio de uma breve representação de um rio, com objetos e tarjetas, o grupo de educadoras explicitou as origens do PFFA, localizando o programa como parte da luta histórica das mulheres do campo e sua presença protagonista, e necessária, para a garantia da vida (Figura 10). Durante a construção do rio e reconstrução da história, pudemos refletir sobre os temas do feminismo e da agroecologia, mostrar suas vinculações e reafirmar que “Sem feminismo não há agroecologia”.

Em outros momentos o Rio foi usado como forma das próprias jovens contarem e refletirem sobre suas trajetórias no Programa de Formação, momentos de muitas emoções e revelações. Em uma dessas experiências, as jovens transformaram as águas do rio em uma potente cachoeira (Figura 10), expressando a força, a ousadia, a vitalidade e a dinamicidade da juventude camponesa!

## **Recursos e materiais necessários:**

Para fazer o Rio da Vida são necessárias tarjetas, pincéis e objetos que tenham relação com o tema sobre o qual será produzido o rio, bem como um tecido que será moldado pelas pessoas participantes no formato do curso d'água. Geralmente utilizamos um tecido de cor azul, com comprimento suficiente para as pessoas expressarem suas percepções e histórias sobre o tema do rio. Assim, sugerimos, no mínimo 4 a 5 metros de tecido. Como recurso opcional, pode ser usada uma caixinha de som para os momentos iniciais da construção do rio, quando pode-se realizar uma meditação guiada.

## **Como fazer?**

Para começar o Rio da Vida, reunimos as pessoas em uma roda com os materiais a serem utilizados na sua construção (tecido, tarjetas, objetos) colocados no centro dessa roda. A pessoa (ou pessoas) responsável pela mediação, apresenta o tema gerador e dá início a construção do rio na seguinte sequência: 1º momento: se tiver caixa de som, colocar o barulho de água

corrente ou uma música instrumental tranquila ao fundo, e narrar uma meditação guiada. Nessa meditação, formulada em sintonia com o tema gerador, a mediadora produz uma narrativa no sentido de mobilizar as memórias sobre os processos a serem representados no rio. Por exemplo: “Estamos no primeiro dia do nosso encontro neste percurso de formação. Nossa nascente. Você se lembra desse dia? Como estavam as suas águas nesse dia? Calmas, agitadas? Como você se sentiu ao se encontrar com outras jovens? Como foi o encontro, a confluências, das suas águas com as águas dessas companheiras? Como foi o fluir coletivo dessas águas no encontro? Etc. ...” Preferencialmente, as pessoas devem estar sentadas em roda ou deitadas de forma confortável e de olhos fechados. Ao finalizar a narração, as pessoas são solicitadas a dizer brevemente como se sentiram, como foi esse momento da “meditação” para elas.

Na sequência, as mulheres são convidadas a escrever nas tarjetas e/ou pegar objetos que respondam, na sua percepção, a(s) pergunta(s) geradora(s). Esse momento dura de 10 a 15 minutos. A montagem do rio começa com a disposição do tecido pelas participantes. Alguém que deseje iniciar a narrativa do processo que orienta a construção do rio coloca suas tarjetas e inicia contando partes da história das quais se lembra e que foram marcantes para ela. Ela pode relatar acontecimentos, relembrar pessoas, sentimentos que teve, etc. As tarjetas e os objetos são, então, dispostos sobre o tecido que representa o rio, de modo a representar certa temporalidade dos eventos que compõem o processo. Do mesmo modo, as demais pessoas vão relembrando os acontecimentos e inserindo suas tarjetas e objetos no rio, interagindo com aquelas/es que já estão ali presentes. Pode haver discordâncias, e mesmo tensões, sendo estas debatidas coletivamente, se necessário, com a intervenção da pessoa que está mediando a construção do Rio. Ao final, faz-se uma breve síntese do produto, o Rio da Vida.

### **Formas de registro:**

Fotos e os relatos escritos são formas preferenciais de registro do Rio da Vida. Se de comum acordo, os momentos de

construção do rio poderão ser registrados em áudio. Em algumas experiências, a relatoria gráfica é também mobilizada como forma de registro. Além de registrar a memória dos processos, as relatorias gráficas podem ser um produto para os processos de resistência das comunidades, organizações na defesa dos seus interesses.

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

Nas lutas populares na defesa dos territórios, o Rio da Vida tem sido muito utilizado para perceber, identificar e organizar coletivamente as mudanças nos territórios e as formas como diferentes atores sociais estão envolvidos nestes processos. Por meio dessa construção, que envolve memórias, histórias, afetos, emoções, lutas e sonhos, as pessoas participantes são conduzidas a relembrar e conectar acontecimentos em seus territórios e que atravessaram e atravessam suas vidas pessoais e coletivas. Nesse processo, produz-se uma rica e multifacetada percepção das mudanças nos territórios ao longo do tempo, reconhecem os agentes que incidem sobre esses territórios e suas formas de ação, suas articulações, seus avanços, seus retrocessos, suas conquistas e seus desafios. De maneira especial, o Rio da Vida é uma metodologia que mobiliza muito as mulheres. Construindo um espaço seguro e acolhedor, as mulheres se sentem encorajadas a partilhar aspectos das vivências no território que por vezes não encontram lugar em outros espaços. No Rio da Vida é comum a partilha de emoções, vivências pessoais e íntimas, que são elementos importantes e, não raro, ignorados ou invisibilizados na compreensão das opressões e das resistências nos territórios.

## **3.9 Cartografia Popular Feminista**

### **O que é?**

A Cartografia Popular Feminista é uma representação cartográfica, produzida coletivamente, que tem como objetivo apresentar uma leitura do território a partir da perspectiva das mulheres que participam da sua produção. A Cartografia Po-

pular Feminista é inspirada na Cartografia Social, metodologia participativa que visa contrapor representações dos territórios produzidos a partir dos interesses de atores sociais externos a ele, portanto desconectados com os modos de vida das populações locais e, não raro, interessados na exploração destes espaços. Assim como na Cartografia Social, na Cartografia Popular Feminista buscamos produzir uma representação do território a partir das percepções e das relações que as pessoas estabelecem com o território onde vivem. Na produção do mapa pelos sujeitos que vivem no território, subvertendo compreensões hierárquicas em relação ao conhecimento, reafirmamos que todas as pessoas são portadoras e produtoras de conhecimentos. Ao ser realizada em grupos de mulheres e de jovens, olhares, vozes e saberes particulares, muitas vezes inferiorizados e invisibilizados, criamos uma oportunidade para a presença das expressões desses grupos nos mapas.



Figura 11. Cartografia Popular Feminista: mapeamento os territórios da Zona da Mata mineira, a partir das vivências e percepções das jovens. Foto: Alessandra B. F. Campos (junho de 2023).

## **Para que se destina?**

A Cartografia Popular Feminista (Figura 12) tem como objetivo criar ambientes e processos de visibilização das percepções e modos de interação das mulheres adultas e jovens e, a partir de suas percepções e interações, produzir uma representação cartográfica de seus territórios. Tão importante quanto o produto, em si, o mapa, esta cartografia cria processos coletivos de reflexão sobre o território, sua diversidade, suas potências, suas riquezas e as ameaças e violências nele presentes, sempre a partir das vivências das "mapeadoras", as mulheres jovens e/ou adultas.

## **Recursos e materiais necessários:**

Para realizar a Cartografia Popular Feminista é preciso ter um mapa mudo do território a ser cartografado. O mapa mudo é um mapa com os limites do território a ser cartografado pelo grupo envolvido na atividade e alguns poucos elementos (por exemplo, cursos de rios, serras, etc.) que ajudam na localização de determinados lugares e fenômenos no espaço. Esse mapa deve ser grande o suficiente para que todas as pessoas possam interagir com ele, indicando os elementos debatidos no coletivo e onde eles devem ser posicionados no mapa. Ele pode ser feito em papel ou em outro material, como tecido, por exemplo. Deve-se ainda disponibilizar canetas e pequenos papéis onde as pessoas possam anotar suas intervenções no mapa. Estes pequenos papéis precisam ter mecanismos que permitam sua fixação no mapa, para garantir a territorialização dos elementos indicados pelas pessoas. Para facilitar, pode-se utilizar papéis que já tenham algum tipo de adesivo ou usar alfinetes. (Figura 12).

## **Como fazer?**

Organizadas em pequenos grupos, entre 4 e 10 pessoas, as pessoas envolvidas na atividade são convidadas a refletirem sobre os territórios que elas vivem ou conhecem, dentro dos limites estabelecidos para a cartografia, a partir das seguintes questões geradoras: quais são as ameaças e violências sobre nossos territórios? Quais são as riquezas e potências dos nossos territórios? Paulo Freire sistematiza essas questões nas palavras

DENÚNCIA e ANÚNCIO, bastante usadas por alguns movimentos, incluindo o movimento agroecológico, nos seus processos de mobilização e organização das lutas. Assim, usando essas palavras, podemos também perguntar: quais são as denúncias e os anúncios sobre nossos territórios, a partir das nossas vivências e percepções? Essas reflexões devem ser registradas em pequenos papéis. Posteriormente, como parte da socialização dos debates dos grupinhos, esses papéis são dispostos no mapa por cada um dos grupos. Junto da produção dessa representação coletiva do território, são feitos debates mais amplos sobre os elementos apresentados pelos grupos, subsidiando possíveis ações concretas de intervenção sobre os territórios.

### **Formas de registro:**

Além do mapa, em si, registro central da metodologia, é importante relatar os debates e encaminhamentos em forma de texto escrito, pois o mapa é uma linguagem potente, mas bastante sintética.

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

No Programa de Formação Feminismo e Agroecologia o mapa mudo, base para a Cartografia, foi feito em tecido por duas jovens artistas da etnia Puri. A partir dele, a cartografia foi produzida no encontro presencial do segundo módulo, sobre territórios. Observamos percepções particulares das jovens sobre seus territórios, a partir do lugar social que ocupam, ao tematizar, por exemplo, sobre as EFAs (Escolas Família Agrícola) e a participação das juventudes nas organizações. De maneira importante, os diálogos entre as jovens permitiram ampliar e alterar percepções sobre processos em curso no território, como o avanço da mineração - tido como positivo para algumas delas até o momento da construção do mapa - o que gerou engajamento nas lutas por Territórios Livres de Mineração, bandeira de luta importante dos coletivos engajados no enfrentamento à mineração na Zona da Mata mineira. A produção do mapa também ajudou as jovens a conhecerem e reconhecerem como atores políticos historicamente importantes na defesa dos territórios. Na esteira dos de-

bates sobre identidades, feitas no primeiro módulo da formação, a cartografia permitiu às jovens aprofundar a reflexão crítica e afirmativa sobre suas identidades socioterritoriais, como jovens quilombolas, por exemplo.



Figura 12. Cartografia Popular Feminista do PFFA: reconhecendo processos, identidades e atores políticos na produção e na luta pelos territórios. Foto: Alessandra B. F. Campos (novembro de 2024).

### **3.10 Colocação em Comum**

#### **O que é?**

Estratégia de construção coletiva do conhecimento, a Colocação em Comum é uma metodologia da Educação Popular (Figura 13) que consiste na socialização de experiências e reflexões produzidas a partir de um dado processo. As Colocações em Comum permitem a expressão de elaborações produzidas através de partilhas e reflexões por pequenos grupos de pessoas, integrantes de um coletivo mais amplo, envolvidas em um mesmo processo ou processos de natureza semelhante. As Colocações em Comum tensionam as lógicas hegemônicas de expressão do conhecimento, como “apresentação de trabalhos”, sendo estimulados o uso de diferentes linguagens. Assim, as

As pessoas participantes são incentivadas a explorar diferentes formas de expressão do conhecimento e das suas posições diante de experiências vividas, por meio de pequenas cenas teatrais, músicas, paródias e construção de instalações artístico pedagógicas, dentre outras formas de expressão. Usada em diferentes contextos educativos populares da América Latina, no Brasil a Colocação em Comum é usada nas experiências da Educação do Campo, seja na educação básica ou superior.



Figura 13. Colocação em Comum nos encontros presenciais do PFFA. Fotos: registro coletivo do PFFA (2023).

### **Recursos e materiais necessários:**

A depender do formato da Colocação em Comum não há necessidade de recursos ou materiais. No entanto, podem ser disponibilizados materiais diversos para os grupos, como tecidos, objetos diversos, pincéis e tarjetas. A Colocação em Comum pode ser elaborada processualmente, tendo o grupo oportunidade para organizar os materiais que utilizará na sua socialização.

### **Como fazer?**

A Colocação em Comum organiza pequenos grupos pertencentes a um grupo maior para, de maneira reflexiva, partilhar experiências vividas e reflexões realizadas. Portanto, para que uma Colocação em Comum seja realizada é preciso que um grupo de pessoas estejam ou tenham passado por uma experiência comum, como a leitura e ou reflexão sobre um tema, a participação em um evento, entre outros. O grupo maior é organizado em pequenos grupos (sugerimos um mínimo de 4 e um máximo de 10 pessoas) que são orientadas a refletir e partilhar sobre esta experiência comum. A partir de uma ou mais questões geradoras, aos pequenos grupos é dado um limite de tempo para refletir e organizar suas ideias para apresentar ao grupo maior, tempo que varia segundo as possibilidades e desejos do grupo, o nível possível e desejado de reflexão, as características dos grupos. A socialização deve, preferencialmente, ser feita utilizando diferentes linguagens. É importante ter pessoas responsáveis pela mediação, da atividade, coordenando as apresentações dos grupinhos. A função destas pessoas é fazer ponderações, destaques e provocações, potencializando e conectando as exposições realizadas. Durante as partilhas, é desejável que os pequenos grupos interajam entre si, inclusive de forma sistemática, podendo ser feito um acordo prévio para que os grupos comentem outras exposições, por exemplo.

### **Formas de registro:**

O registro pode ser feito por meio de relatoria escrita, fotos, gravações de áudio e vídeo em caso de comum acordo entre as pessoas participantes.

## **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

No Programa de Formação Feminismo e Agroecologia, as Colocações em Comum foram momentos de acalorados debates e, dispensando a intervenção de pessoas adultas, momentos de deslocamentos das jovens produzidos pelas provocações das companheiras da mesma geração. Também sobre essa metodologia, os momentos das partilhas no grupo maior foram importantes para o exercício da fala pública dessas sujeitas coletivas historicamente silenciadas, algo intencional nas nossas construções político-pedagógicas

### **3.11 Carrossel**

#### **O que é?**

O Carrossel (Figura 14) é uma metodologia que coloca as pessoas em movimento para conhecer, debater e produzir questões sobre um dado tema gerador, na sua multiplicidade de expressões.

#### **Para que se destina?**

O Carrossel objetiva permitir e ampliar o acesso, o conhecimento e o debate sobre experiências distintas, mas que são articuladas por um mesmo tema gerador, ou campo de ações. O conhecimento das experiências possibilita a reflexão sobre suas histórias, caminhos percorridos, potências, desafios e perspectivas de futuro e possibilita a composição de um novo quadro para a ação política individual e, sobremaneira, coletiva.

#### **Recursos e materiais necessários:**

Para fazer o Carrossel é preciso montar as “estações”, que podem ser instalações artístico pedagógicas ou ambientes nos quais haja pessoas partilhando experiências a serem conhecidas e refletidas coletivamente. Em cada estação há uma pessoa ou um grupo de pessoas responsável pelos elementos, recursos e pela organização do ambiente, bem como pelas escolhas metodológicas específicas a serem utilizadas no momento do acolhimento das outras pessoas. A depender do tempo, do espaço e

dos objetivos definidos, pode se utilizar metodologias mais participativas como o Círculo de Cultura, ou uma Instalação Artístico-Pedagógica (veja descrições neste caderno) ou formas mais diretivas, como, por exemplo, uma apresentação com Power Point. Sobre a autonomia metodológica, é importante que todos os grupos/pessoas mediadoras tenham compreensão geral do Carrossel bem definida, tendo consciência do tema gerador, do objetivo geral da atividade e da metodologia do Carrossel, para o grupo como um todo, papel educador do grupo que coordena o Carrossel.



Figura 14. Atividades nas estações do Carrossel no terceiro encontro presencial do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia. Fotos: registro coletivo do PFFA (julho, 2023).

## Como fazer?

Para fazer o Carrossel deve-se organizar as pessoas participantes em pequenos grupos, idealmente entre 4 e 10 pessoas, que circularão pelo Carrossel. Os grupos devem manter as mesmas pessoas em todas as estações e permanecer em cada estação por cerca de 10 a 15 minutos. Nesse tempo as experiências são apresentadas e debatidas. Todos os grupos devem ter os tempos sincronizados. A mediação coletiva do tempo é bem importante! Os grupos responsáveis pela mediação podem definir uma pessoa para ser a guardiã do tempo, ou seja, aquela que cuida dos ritmos e garante a finalização da conversa nos tempos previstos. Se for possível, os grupos devem circular por todas as estações, o que pode não ocorrer, caso a organização dos tempos não seja cumprida ou se avalie que seja cansativo para os grupos percorrer todo o carrossel. Nesse segundo caso, pode-se optar pela visita de cada grupo a algumas estações apenas. Depois de circular por todas as estações, as pessoas se reúnem em um só grupo para partilhar suas percepções, pontos de atenção e dúvidas que surgiram a partir de questões geradoras. No grupo maior, assim como para as estações, isso pode ser feito por meio de diferentes metodologias para a socialização das reflexões. Por exemplo, pode-se usar tarjetas, círculo de cultura, fazer cochichos entre duas ou três pessoas e etc. Pode-se ainda misturar pessoas dos diferentes grupos e organizar novamente pequenos grupos e apresentar uma síntese no grupo maior utilizando diferentes linguagens, como por exemplo através de um desenho coletivo ou outra forma de expressão.

## Formas de registro:

O registro pode ser feito ao longo da passagem por cada estação ou no momento da síntese coletiva, no grupo maior. Os registros podem ser escritos, mas registros fotográficos também são bem vindos!

## Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:

No Programa de Formação utilizamos essa metodologia no Módulo III, com o tema da Autonomia Pessoal, Política e Econô-

mica e no II Encontro de Sistematização do PFFA. No primeiro caso, nas estações foram apresentadas experiências de empreendimentos de mulheres (que deram e não deram certo), como a história de uma cooperativa da agricultura familiar, uma associação para compra e venda de alimentos, durante a pandemia, e a experiência das Cadernetas Agroecológicas. A metodologia mobilizou bastante as jovens e foram feitas importantes reflexões e construídos sonhos, sobremaneira a partir da experiência de um empreendimento de jovens mulheres que “não deu certo”, objeto de muitas reflexões coletivas. No segundo caso, o carrossel foi momento de retomar debates importantes no percurso do Programa de Formação para elaboração de uma escrita coletiva sobre a experiência. Aqui, as jovens foram organizadas em grupos temáticos, escolhidos por elas a partir de interesses pessoais, sendo os debates registrados pelas relatoras. Ainda em processo, o resultado deste carrossel será a produção de um informativo contando as histórias e as aprendizagens do PFFA, publicação prevista para o ano de 2025.

### **3.12 Troca de Sementes e Mudas**

#### **O que é?**

A Troca de Sementes e Mudas é compreendida para além do sentido literal de doar uma coisa em troca de outra a ser recebida. Este é um momento da dádiva, onde as participantes doam, recebem ou trocam sementes e mudas de plantas. São momentos nos quais as pessoas partilham sementes, mudas e conhecimentos sobre histórias e formas de cultivo, manejo e uso de diferentes espécies e variedades de vegetais presentes nas suas roças e quintais. A troca de sementes e mudas é uma prática com profundos significados políticos e de resistência: valoriza o trabalho realizado com as plantas, promove o hábito da troca ou doação, incentiva a disseminação de sementes crioulas e de mudas variadas, propicia o aumento da biodiversidade, principalmente nos quintais, e fortalece, assim, a agroecologia.

#### **Para que se destina?**

Destina-se a demarcar, visibilizar, valorizar, incentivar e for-

taleger a prática das mulheres de trocar, doar e receber sementes e mudas de plantas entre as agricultoras, central para a agroecologia.



Figura 15: Instalação de sementes na Casa da Agroecologia, no segundo encontro presencial do PFFA.  
Foto: Alessandra B.F. Campos (junho, 2023)

### **Recursos e materiais necessários:**

Sementes e mudas; local para colocá-las (uma mesa, baiaios, cestas ou um pano de chita estendido no chão); saquinhos de papel para separar as sementes; e caneta para identificá-las.

### **Como fazer?**

Antes do encontro, solicite às participantes que levem suas sementes e mudas. Peça também que elas identifiquem as sementes e mudas com uma etiqueta contendo o nome popular, a origem, o nome da doadora e, se possível, informações sobre cultivo e manejo, além dos tipos de uso (alimentação, remédio, adubação) da planta. Prepare um espaço onde as mulheres possam colocar suas sementes e mudas. As pessoas, em volta das sementes e mudas, dialogam e se “servem” das espécies ali presentes. Trata-se de uma atividade autogestionada e, durante as trocas, muitas informações também são compartilhadas sobre as formas de plantio, cuidados necessários, modos de uso das plantas. Se for de desejo do grupo, podem ser promovidas rodas de conversa antes da exposição das sementes e mudas, quando as pessoas apresentam o que levaram.

### **Formas de registro:**

O registro pode ser feito por meio de relatoria escrita, bem como por fotos e vídeos, caso de comum acordo entre as pessoas participantes.

### **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

As sementes são importantes por muitas razões: elas geram autonomia para as/os agricultoras/es, garantem segurança alimentar e soberania às famílias, não precisam de veneno para serem cultivadas, estão associadas à cultura alimentar, são portadoras de histórias e fazem parte da ancestralidade e dos modos de vida de muitos povos/grupos. A livre circulação das sementes é importante para garantir a autonomia da agricultura familiar, incrementar a agrobiodiversidade nos sistemas agroalimentares e conservar e recriar a diversidade genética, central no contexto das mudanças climáticas.

Considerando essa importância, o movimento agroecológico na Zona da Mata mineira tem incentivado e organizado espaços de trocas de sementes, integrando a metodologia das atividades, como os Intercâmbios Agroecológicos e a Troca de Saberes. No Programa de Formação Feminismo e Agroecologia realizamos um momento de troca de sementes e mudas no segundo encontro, quando debatemos a temática dos Territórios, momento de refletir sobre as ameaças, como o avanço da mineração e os agrotóxicos, e as resistências, de forma especial, a agroecologia.

## **3.13 Culturais**

### **O que é?**

As Culturais constituem momentos noturnos festivos, com música, dança, poesia, comidas e bebidas, entre outras possibilidades de interação social.

### **Para que se destina?**

Servem para maior integração, descontração e lazer das

participantes. Em caso de serem realizadas em festas públicas, servem também para interação na comunidade e maior conhecimento da cultura local.

### **Recursos e materiais necessários:**

A depender das manifestações culturais disponíveis, como por exemplo apresentação de folias de reis, congados, grupos teatrais e etc. Porém, não pode faltar músicas, sejam elas tocadas por aparelhos eletrônicos ou com instrumentos ao vivo, comidas, bebidas e um ambiente decorado.

### **Como fazer?**

As culturais podem ser organizadas com atividades próprias ou com a participação em festas locais realizadas em espaços públicos ou de instituições comunitárias. Caso seja atividade própria, é sempre bom organizar uma pequena comissão para organizá-la.

### **Formas de registro:**

O registro pode ser feito por meio de relatoria escrita, bem como por fotos e vídeos, caso de comum acordo entre as pessoas participantes.



Figura 16: Elementos para o Sarau no segundo encontro de sistematização do PFFA, em Espera Feliz.  
Foto: Vanessa Maciel (dezembro, 2024)

## **Percepções, destaques, aprendizagens a partir da metodologia:**

As culturais precisam ser pensadas enquanto espaço de lazer e de aprendizado para não reproduzirem, passivamente, formas de entretenimento que refletem as culturas de massa da nossa sociedade. Quando a Cultural integra uma festa comunitária local, não temos controle sobre as manifestações e atividades que estarão presentes, mas pode-se organizar momentos para reflexões posteriores. Quando as Culturais são de organização própria, é possível integrar elementos que dialoguem e potencializam a proposta formativa. No segundo módulo da formação, criamos uma moeda social, que chamamos de Margaridas, em homenagem à Margarida Alves, importante referência nas lutas das mulheres do campo. Essa moeda social foi usada nas Culturais, em festas da comunidade/ EFA, e na Feira do Bem Viver, que integrou as atividades no módulo 3, moeda que segue sendo usada nas atividades do CTA. Com esta moeda as pessoas puderam adquirir alimentos ou outros produtos e pagarem com a moeda que depois foi revertida em real para quem vendeu o produto. Em uma Cultural auto-organizada, uma lista de músicas foi elaborada coletivamente e um brechó, com artigos das participantes, foi montado para trocas e doações de roupas e outros objetos. Também realizamos um Sarau muito potente no segundo módulo da sistematização, no qual temas sensíveis foram debatidos com música, textos e poesias autorais!

## **Considerações finais: construir juntas/es/os metodologias para acender nossos corações e fortalecer nossas lutas!**

A construção das metodologias do PFFA envolveu um amplo processo dialógico que nos exigiu bastante energia e tempo! Trabalho feito a muitas mãos, que geraram muitas aprendizagens! De maneira importante, afirmamos que a dimensão metodológica de uma formação é elemento central! Ela expressa, como debate a intelectual militante Catherine Walsh, uma prática sustentada, de forma consciente e deliberada, pelas formas como percebemos o mundo, a partir dos lugares sociais que ocupamos, e por princípios que orientam a construção do(s) mundo(s) que queremos. Pedagogias que produzem no presente e gestam para o futuro. São assim *práxis* educativas, práticas atravessadas por aquilo que acreditamos:

Um mundo onde todas as pessoas possam dizer sua palavra e ser ouvidas!

Um mundo livre da violência machista, sexista, racista, contra pessoas lgbtqiapn+ e livre da exploração da terra, das águas, das plantas e dos animais!

Um mundo onde haja espaço e reconhecimento para diferentes saberes e formas de expressão destes saberes!

Um mundo que nos permita aprenderensinar com nossos corpos em movimento, com criatividade, com alegria, com afeto, com amor!

Um mundo no qual todas as pessoas tenham acesso à comida de verdade e no qual tenhamos condições de partilhar o alimento com pessoas que amamos!

Um mundo onde nossas aprendizagens ajudem a reconhecer e respeitar todos os seres que partilham esse planeta conosco e tornar nossos territórios lugares melhores para se viver!

Um mundo no qual sejamos empáticas, solidárias, que sigamos juntas nos apoiando em nossas trajetórias individuais e coletivas!

Um mundo no qual sejamos livres!

Seguimos em movimento!  
Saudações cordiais!  
As autoras.



## Referências:

BISPO dos Santos, Antônio. **Colonização, quilombos:** modos e significações. Brasília, 2015.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores.** Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2007.

BOGO, Ademar. "Mística". In: CALDART, Roseli, Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.473-477.

CAMPOS, Alessandra Bernardes Faria; PASINI, Isabela; MONTEIRO, Indyra; OLIVEIRA, Sinthia. (2023). **Caderno da Participante 2023 – Programa de Formação Feminismo e Agroecologia.** Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata. Viçosa-MG, 2023. Disponível em: <https://ctazm.org.br/bibliotecas/caderno-da-participante-pffa-2023-433.pdf>. Acesso em: 22 de nov. de 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes. 2013.

MARQUES, Gláucia; NOBRE, Miriam; LOBO, Natália; REIS, Renata; SAORI, Sheyla; NASCIMENTO, Nathália. **Sementeira Feminista – Nossos corpos e territórios.** é Sempreviva Organização Feminista (SOF)/ Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras da Barra do Turvo (RAMA). Barra do Turvo-SP, 2023. Disponível em:

<https://www.sof.org.br/cartilha-sementeira-feminista-nossos-corpos-e-territorios/> . Acesso em: 22 de nov. de 2024.

MEZADRI, Adriana Maria; CIMA, Justina Inês; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; PULGA, Vanderléia. "A mística feminista e camponesa no MMC". In: MEZADRI, Adriana Maria; CIMA, Justina Inês; TABORDA, Noeli Welter; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; COLLET, Zenaide. **Feminismo Camponês Popular: Reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas. Outras Expressões:** São Paulo, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónke. **A invenção das Mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero, 2021.

PELOSO, Ranulfo. **A Força que anima os militantes.** MST: São Paulo, s/d.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade.** Editora Nós: São Paulo, 2017

Esta obra é parte das ações estabelecidas no Termo de Execução Descentralizada, TED nº 30879420230032-001272/2023, entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e a Universidade Federal de Viçosa (UFV), "Inovações em agroecologia e sistemas orgânicos de produção, tecnologias e conhecimentos apropriados às famílias agricultoras e de povos e comunidades tradicionais do Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Zona da Mata de Minas Gerais".

## **COMISSÃO COORDENADORA DO TED**

Felipe Nogueira Bello Simas (Agrônomo, D.Sc. Solos e Nutrição de Plantas, ECOA/ DPE/UFV) | Irene Maria Cardoso (Agrônoma, PhD Ciências Ambientais, DPS/ECOA/UFV) | Isabela Leão Ponce Pasini (Geógrafa, Mestra em Geografia, CTA-ZM) | Roberta da Silva Leite Cardoso (Cientista Social, CTA-ZM) | Aparecida Eli Fátima Celestino (Educadora do Campo, Rede SAPOQUI).

## **BOLSISTAS**

Alessandra Bernardes Faria Campos (Geógrafa, Doutora em Educação, ECOA/UFV) | Camila Raimunda Carvalho dos Santos (Agroecóloga, Mestra em Agroecologia, ECOA/UFV) | Claudinea Aparecida Ferreira (Educadora do Campo, MAM) | Franklin de Jesus Pereira (Educador do Campo, Mestre em Biotecnologia, ECOA/UFV) | Renata de Souza Gomes (Educadora do Campo, Agricultura Agroecológica) | Tatiane Taiga (Bacharel em Comunicação Social e Jornalismo).

## **ESTAGIÁRIAS/ES/OS**

Ana Luísa Rodrigues (graduanda em Bacharelado em Comunicação Social/UFV) | Isabela Mendes Cristino (graduanda em Licenciatura em Educação do Campo/UFV) | Luan Amorim de Paiva (graduando em Licenciatura em Dança/UFV) | Luiza de Sousa Garcia (graduanda em Licenciatura em Educação do Campo/UFV).



**UFV**  
Universidade Federal de Viçosa

**zolo**  
Programa de Pós-graduação em Zootecnia  
Av. Darcy Ribeiro, 1000



**cta**  
Centro de Tecnologia em Alimentos

**REDE SAPOQUI**  
Rede Nacional de Segurança Alimentar

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO  
AGROPECUÁRIO, RURAL E  
ABASTECIMENTO

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
MINISTÉRIO DA ECONOMIA

